



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



Enxurrada ameaça solos para as próximas safras

Com grandes áreas impactadas, cultivo de inverno pode ser menor

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

O cultivo da safra de inverno e até mesmo a do verão 2024/2025 já despertam preocupação no Rio Grande do Sul. Embora haja lavouras ainda não colhidas, devido às enchentes que devastaram boa parte do Estado, o estrago causado pelas águas em solos agricultáveis deve comprometer os próximos plantios.

O impacto da enxurrada vem sendo analisado por especialistas de diferentes órgãos e entidades, para entender o tamanho do problema e buscar as melhores condições de enfrentamento. É o caso do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). Segundo a diretora técnica, Flávia Tomita, os extensionistas já estão avaliando as áreas atingidas. A ideia é reunir todas as informações para discutir com profissionais do meio acadêmico, dimensionar os estragos e encontrar caminhos para auxiliar os produtores.

Conforme o diretor técnico da Emater-RS, Claudinei Baldissera, ainda seguem os levantamentos do impacto das enchentes. “Mas há impactos bastante significativos, principalmente nos municípios que foram severamente atacados pelas enxurradas, com os alagamentos e com o carregamento de camadas aráveis, solo fértil, até camadas mais profundas, e outros processos. Até mesmo nas regiões que não foram afetadas por inundações, mas de erosões, desde erosões laminares até erosões mais profundas”.

De acordo com ele, ainda não é possível avaliar o impacto na área cultivada, e é preciso mais algumas semanas para que se possa ter uma avaliação mais aprofundada.

Mas a semeadura de inverno tradicionalmente ocorre entre os meses de maio e junho. E há áreas de plantio que já não existem mais, arrasadas pela enxurrada, como em vales e encostas de morros, diz o engenheiro agrônomo e pesquisador da área de manejo e conservação de solos da Embrapa trigo, José Denardin.

“A chuva mudou a geografia

dos terrenos e, embora ainda não se saiba quanto, o sentimento é de que haverá redução de plantio. E em terras afetadas, queda de produção, produtividade e qualidade dos grãos são uma tendência, já que os solos foram muito castigados”, aponta.

Informações colhidas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) junto à Emater-RS dão conta de que a produção de hortigranjeiros foi bastante afetada. O cenário em diversas regiões do Estado é de impacto negativo pelo longo período chuvoso, com alagamento em algumas regiões produtoras. Até em ambientes protegidos o desenvolvimento tem sido comprometido pela elevada umidade com baixa luminosidade.

Outro problema é a impossibilidade de realizar o manejo das áreas para a reconstrução de canteiros na maior parte do período. Verificam-se perdas de solo, nutrientes e matéria orgânica. Na Fronteira Oeste, os produtores de alface de Uruguaiana relatam perda de 50% da produção em função do longo período chuvoso, diz boletim divulgado pela estatal.

Para as frutas, uma das preocupações é com os citros. De acordo com a Emater, em Santa Rosa, grande parte das plantas cítricas apresenta carga e frutos pequenos, além da presença de cochonilha, ácaro e pulgão. Já em Soledade, verifica-se atraso no desenvolvimento e na maturação de frutos por falta

de luminosidade, além de baixa qualidade.

Enquanto isso, uma série de produtos já começam a escassear ou sofrer grandes altas nos preços, especialmente os hortigranjeiros. Levantamento da Conab mostra as consequências dos eventos climáticos extremos que afetaram o Estado para o plantio, escoamento e comercialização desses produtos.

Na análise, com informações das Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul (Ceasa/Rs), Ceasa Serra, de Caxias do Sul, e Emater, o deslocamento das operações comerciais realizadas na Ceasa em Porto Alegre para Gravataí gerou problemas logísticos para fazer chegar os alimentos até os estabelecimentos para ofertá-los à população.

Por outro lado, a Ceasa em Caxias do Sul está operando normalmente, já que não foi atingida pela inundação. Mas o volume comercializado é menor, pois muitos produtores foram atingidos.

Apesar dos problemas de logística e produção, a maioria dos produtos teve cotação de preços estável no comparativo com os preços anteriores às enchentes. As altas mais destacadas, no dia 15/05/24, foram da rúcula, couve, morango e beterraba. Na média das cotações de 48 produtos acompanhados, coletadas no dia 7 e 14 de maio, 35 tiveram alta, quatro mantiveram os preços e nove tiveram queda quando comparados com abril.

ENIO TODESCHINI/EMATER-RS/JC



Em Caxias do Sul, hortigranjeiros foram destruídos pelas chuvas

Conab suspende leilão para compra de 104 mil toneladas de arroz polido

PAULO ROSSI/DIVULGAÇÃO JC



Objetivo do processo é garantir o abastecimento do mercado nacional

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) suspendeu o leilão de compra de 104 mil toneladas de arroz beneficiado polido, previsto para ocorrer ontem. A Conab divulgou na noite de segunda-feira um comunicado informando a nova data de realização “será publicada oportunamente”.

O leilão tem como objetivo garantir o abastecimento de arroz após as enchentes no Rio Grande do Sul. O estado responde por 70% da oferta nacional do produto.

Ainda ontem, em reunião extraordinária, o Comitê Executivo de Gestão (Gecex) da Câmara de Comércio Exterior (Camex) zerou as tarifas para dois tipos não parboilizados e um tipo polido/brunido do grão. A medida vale até 31 de dezembro. A Secretaria de Comércio Exterior (Se-

cex) do Mdic vai monitorar a situação para reavaliar o período de vigência, caso necessário.

Para zerar as tarifas, os três tipos de arroz foram incluídos na Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum (Letec) do Mercosul. A medida, informou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), foi pedida pelo Ministério da Agricultura e Pecuária e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Atualmente, a maior parte das importações de arroz no Brasil vem do próprio Mercosul, sem pagar tarifa de importação. O Mdic informa que a redução a zero da alíquota abre espaço para a compra de arroz de outros grandes produtores, como a Tailândia. Até abril deste ano, o país asiático respondia por 18,2% das importações brasileiras de arroz.

Safra gaúcha do cereal é suficiente para abastecer mercado, diz Irga

A safra 2023/2024 de arroz do Rio Grande do Sul deve ficar em torno de 7.149.691 toneladas, mesmo com as perdas pelas inundações que o estado sofreu em maio. O número é bem próximo ao registrado na safra anterior, de 7.239.000 toneladas – o que comprova que o arroz gaúcho é suficiente para abastecer o mercado brasileiro, sendo desnecessária a importação do grão. Os dados, calculados pelo Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), foram apresentados em reunião extraordinária da Câmara Setorial do Arroz, realizada de forma remota nesta terça-feira (21/5) pela Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi).

“Quando as enchentes ocorreram no Rio Grande do Sul, a sa-

fra de arroz já estava 84% colhida, restando 142 mil hectares a colher. Destes, 22 mil hectares foram perdidos e 18 mil ficaram parcialmente submersos. Entre os grãos estocados nos silos, houve comprometimento de 43 mil toneladas”, enumera o presidente do Irga, Rodrigo Machado.

A estimativa de produção total do Irga leva em consideração a produção já colhida até a ocorrência das enchentes (6.440.528 toneladas), somada a um cálculo de produtividade para os 101.309 hectares restantes de área não atingidos pelas cheias, levando em consideração uma média de produção de 7 mil quilos por hectare. Com isso, a produção estimada pelo Irga totaliza 7.149.691 toneladas de arroz para a safra atual.